

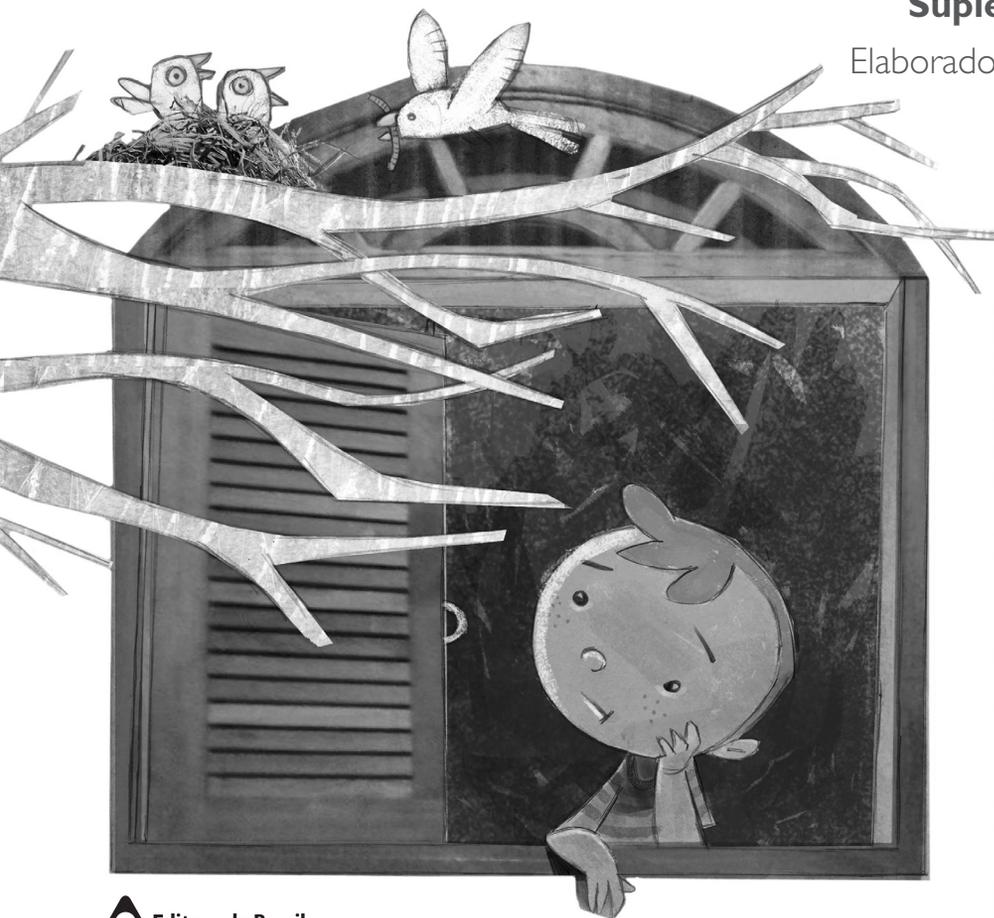
Luis Dill

Enquanto você não chega

Ilustrações de
Mávio Fargas

Suplemento do professor

Elaborado por Camila Tardelli da Silva



Editora do Brasil

Copyright © Editora do Brasil. Todos os direitos reservados. É proibido venda e alteração parcial ou total deste material.



**Editora
do Brasil**

1. A espera

Enquanto você não chega é um livro que fala sobre uma espera: o narrador está prestes a ganhar um irmão caçula. A família está quase toda no hospital, mas o menino ficou em casa com o avô. Enquanto espera, ele resolve apresentar ao irmãozinho que está chegando todas as pessoas com as quais ele vai conviver.

O texto é delicado e sensível, mostra a mudança que está ocorrendo dentro do garoto. Ele começa a entender o quanto sua família não será mais como antes, que o “meu, minha” se transformará em “nosso, nossa”. Numa leitura mais aguçada, é possível perceber que através de seu discurso, enquanto escreve para o irmão, ele dialoga consigo mesmo, reflete sobre o tempo que passou, sobre o crescimento, a saudade, sobre o que ele aprendeu, o que tem para ensinar etc.

O livro pode ser lido individualmente pelos alunos, como leitura autônoma, mas deve ser retomado por você, professor, passo a passo, por meio de perguntas, a fim de que eles comecem a aprofundar sua leitura, percebendo outros sentidos do texto.

2. Preparação para a leitura

O momento da leitura precisa ser preparado. O texto literário exige um tempo diferente – não é possível acabar uma série de exercícios, uma avaliação, voltar do intervalo etc. e “cair” direto num texto literário sem nenhum tipo de preparo. Nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, isso é ainda mais necessário. Colocar uma

música de fundo, mudar a disposição das carteiras, sentar no chão, ir à biblioteca ou ao pátio da escola são algumas boas opções – o importante é preparar a turma para ouvir/ler o texto.

O livro tem um título bastante interessante, que já estabelece um diálogo entre um “eu” e um “você”. Antes da primeira leitura do texto, promover uma conversa sobre o título seria uma excelente maneira de estimular a imaginação e a criatividade dos alunos. Quem vai chegar? Do que o livro pode tratar? Essa chegada é importante? Você também poderia pedir que cada um deles complete o título – “Enquanto você não chega, eu...” – e conversar sobre as respostas que forem surgindo. Mesmo antes da leitura, é possível, portanto, iniciar uma conversa sobre um tema importante que ele aborda: a espera, o momento em que precisamos aguardar que algo aconteça (ou não), a expectativa, o medo, as dúvidas, os desejos que isso causa. O que fazer com esse momento? Ele é bom ou ruim? Que situações do dia a dia nos obrigam a esperar? Como os alunos lidam com essa espera?

Também seria interessante refletir sobre a espera necessária para semear e colher, para chegar a estação do ano preferida, para chegar o aniversário, o Carnaval, o Natal etc., sobre quanto o tempo precisa ser respeitado, quanto a espera faz parte da vida. Também é possível fazer com eles uma pesquisa sobre o tempo de gestação de vários animais ou ainda sobre os dois tipos de reprodução (sexuada, assexuada).

A conversa com base no título é um bom momento para a turma se conhecer, trocar opi-

niões e “entrar no livro”, posteriormente, com curiosidade. O que está sendo esperado no livro? O que se faz durante a espera? O que se sente? Quem é esse “eu”? Quem é esse “você”?

3. Entre pais e filhos, entre mestres e alunos

O narrador fala sobre uma brincadeira que seu pai costumava fazer: “Ele adora fazer aviãozinho com a gente”. Há diversas brincadeiras que os pais fazem com os filhos, seja aviãozinho, cabaninha, jangada, cavalinho etc. Quase todo mundo tem uma boa história para contar sobre as brincadeiras de infância feitas na companhia e com o estímulo de pais, tios, avós. No entanto, conforme os filhos vão crescendo, os pais costumam ir deixando de lado esse momento de brincar. Entrar na brincadeira das crianças algumas vezes, mesmo quando elas estão “mais crescidas”, é uma maneira de estar perto delas, de lhes ensinar, fortalecer a confiança, o respeito. Isso também é verdade em relação aos professores. Nós, no Ensino Fundamental I, já não brincamos – pelo menos não tanto como deveríamos – com nossos alunos, apenas os observamos brincar no parque, na quadra, durante os intervalos. Brincar com as crianças é uma excelente maneira de conhecê-las, de criar laços, de aprender e ensinar. Contar uma história, construindo uma narrativa com os alunos, criando personagens, situações, cenários, por exemplo, é uma maneira de envolvê-los, de fazer com que se sintam acolhidos e percebam que você “está no mesmo barco”, que eles podem confiar em você, que vocês estão unidos.

Uma boa ideia para começar a brincadeira é conversar com a turma. Pedir que relatem brincadeiras que seus pais fazem ou faziam e que lhes agradavam. Como era a brincadeira? Com quem? Posteriormente, você pode pedir que redijam em casa um breve texto descrevendo as brincadeiras que eles mais gostam de fazer com os pais. Após a leitura dos textos, escolha algumas dessas brincadeiras e prepare “O dia da brincadeira”, em que vocês apenas brincarão. Durante esse dia, esteja atento às possibilidades de aprendizagem que as brincadeiras escolhidas podem ter.

Fotografar ou pedir que outro professor fotografe essas ações, espalhar as fotos pela sala, com legendas criadas pelos alunos para explicar cada brincadeira, é uma boa maneira de deixar esses momentos de entrosamento vivos na memória deles, tomando o ambiente familiar e aconchegante. Há também a possibilidade de convidar os pais para brincar com eles durante uma reunião e/ou mostrar aos pais os textos e as fotos produzidas.

O livro *Crianças do Brasil – Suas histórias, seus brinquedos, seus sonhos*, de José Santos, é uma boa sugestão para dar continuidade ao trabalho. Nele há 27 histórias, cada uma sobre uma criança – e suas brincadeiras – que vive em um estado diferente do país em épocas diferentes.

4. Diferentes olhares

O livro é todo feito de descrições. O menino descreve a mãe, o pai, o avô, a avó... As descrições têm um objetivo: apresentar as pessoas da família ao irmão que vai chegar. Foram feitas



para o irmão, pensando no que lhe interessaria saber sobre cada um dos familiares, o que o narrador achou que seria bom contar. E se fossem descrições destinadas a seu melhor amigo, seriam iguais ou diferentes? É importante instigar os alunos a perceber que o narrador descreve os personagens tendo em vista um leitor e com uma intenção, nem sempre dizendo toda a verdade, para que eles comecem a refletir sobre essa figura, sobre quanto podemos e devemos desconfiar do narrador-personagem. Uma obra que poderia dar continuidade a esse trabalho é *O livro dos pontos de vista*, de Ricardo Azevedo.

Em seguida, você pode começar a discutir com os alunos a diferença entre descrições físicas e psicológicas. Peça que listem as características físicas (por exemplo “ele tem uma cabeleira branca, um bigodão enorme”) e psicológicas (“É engraçada, carinhosa”) apresentadas pelo narrador. Converse também sobre a diferença entre descrições objetivas (próprias do objeto: bigode branco) e subjetivas (que o sujeito atribui ao objeto: mãe linda e carinhosa). Não é necessário utilizar essa nomenclatura. Peça que façam breves descrições. Por exemplo, um estojo: azul, grande, bonito, quadrado, de plástico etc. Em seguida, peça que reflitam: quais características são próprias do objeto e quais mudam a partir do olhar de cada pessoa?

Para finalizar o trabalho, solicite que escrevam descrições de cada uma das pessoas da família e monte com eles álbuns com textos e fotografias. Peça ainda que criem um título para o trabalho após a reescrita dos textos e produza com eles capas com fotos e ilustrações.

Respostas do Suplemento de atividades

1. Resposta pessoal. Se possível, estimule os alunos a relatar suas experiências.
2. Professor, explique com detalhes o que é uma caricatura. Se julgar que os alunos gostaram dessa atividade, você pode ampliá-la, trabalhando mais os desenhos, passando exemplos de caricaturas. Vocês podem criar um mural com os desenhos dos alunos para que outras salas possam apreciá-los. Sugestão de leitura complementar sobre o tema (já citado no suplemento do professor): *O livro dos pontos de vista*, de Ricardo Azevedo.
3. Resposta pessoal.
4. Ele diz para o irmão escolher ele mesmo seu time. Resposta pessoal. Professor, estimule o aluno a discutir esse tema, que é um dos aspectos centrais do texto.
5. a) Professor, estimule os alunos a compartilhar suas ideias, como eles imaginam um mundo sem as coisas citadas. Também é interessante discutir sobre o excesso de coisas em nossa vida – será que toda essa parafernália é mesmo necessária? Você pode falar ainda sobre o excesso de informação na internet, que informação não é conhecimento, que é preciso pesquisar em sites confiáveis, mas também em livros. A obra *Como fazíamos sem*, de Barbara Soalheiro, é uma boa opção para aprofundar essa questão.
b) Professor, caso seja possível, trabalhe a reescrita dos textos com seus alunos. Estimule-os também a ler para os colegas as histórias que eles produziram.
6. “FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É”. Professor, peça que cada um conte suas experiências, fale o que pensa. Ajude-os a refletir se há outras pessoas e instituições que os influenciam, como os amigos, a escola, a igreja que frequentam etc.
7. a) Algumas respostas: cegonha, repolho, abelha. Estimule-os a dar suas respostas, para que mostrem quais lendas conhecem.
b) Boto-cor-de-rosa. Conta-se que ele costuma virar as canoas que viajam à noite para pegar as moças. Diz-se ainda que se uma moça desaparece é porque foi capturada pelo boto. Quando uma pessoa não sabe quem é seu pai, diz que é filho do boto.